

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Tempo de estio

Quando a gente vê o PT se recusando a dizer o que é mesmo que pretende fazer com o país caso prevaleça a ainda remota hipótese da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, a primeira impressão é que isso acontece porque o partido não tem realmente o que dizer. Não esperava crescer nas pesquisas nem contava com a necessidade de precisar falar relativamente a sério com o eleitorado.

Asseguram lideranças petistas, no entanto, que o silêncio é estratégico. Sob todos os aspectos: tanto quando o candidato e os dirigentes recusam-se a debater algo além de linhas gerais já mais do que batidas como quando Lula evita entrar em brigas como a que Antônio Carlos Magalhães puxou ao dizer que a eleição dele levaria o Brasil ao caos.

É que nesse momento o PT não consegue esconder que está mesmo perplexo e ainda com medo de tomar como a verdade final dos fatos o que pode ser apenas um instantâneo de circunstâncias em movimento. O líder do partido na Câmara, Marcelo Déda, resume bem esse clima: "Não se pode pregar a pesquisa na parede, deitar na cama e ficar esperando o dia da posse. Primeiro porque pesquisa é o momento, revela uma tendência do eleitorado mas nem por isso esses dados se transformam por si só em realidade. Isso só acontece se, à luz da pesquisa, soubermos trabalhar para potencializar nossos pontos positivos e os aspectos negativos do adversário."

Cautela é a palavra de ordem. E é justamente a prudência que aconselha Lula a ficar calado a respeito de seu projeto de país, notadamente na área econômica. Aquela história que ele andou falando a respeito de Bill Clinton, Tony Blair e Helmut Kohl não terem também detalhado seus planos para a economia antes de eleito é exatamente o que pareceu ser: uma frase qualquer desprovida de sentido.

A verdade é que o PT só vai discutir conteúdo de propostas quando começarem os programas do horário eleitoral gratuito. Ou seja, quando o partido puder ter a prerrogativa de ele mesmo editar seu espaço, aí sim. O que não se quer hoje é que Lula corra o risco de – por uma palavra mal colocada, um raciocínio fora de contexto – dar uma escorregadela fatal que permita a Fernando Henrique reverter o clima.

Mais ou menos como a tal história do "vagabundo", que na origem era uma referência às distorções criadas no serviço público e acabou virando insulto a quem quer que se habilitasse a se sentir insultado, de aposentados a desempregados.

Outra providência para administrar euforias e não exagerar na empolgação é a preservação de Lula do tiroteio que – para o PT já ficou claro – o governo tornará cada dia mais pesado. Está combinado que o candidato no máximo entra em embates com o outro candidato, Fernando Henrique.

Para responder a Antônio Carlos Magalhães, Jader Barbalho ou qualquer outro político governista que não seja o próprio presidente, serão escalados os soldados de acordo com o caso e a oportunidade.

Bem, outro esclarecimento que era importante obter do PT diz respeito também ao silêncio, mas desta vez em relação aos números das pesquisas e seus efeitos. A justificativa é a de que se Lula admitir que os dados mudam a realidade – quando, por exemplo, indicam queda nas bolsas por causa da subida de Lula nas pesquisas –, ele estará caindo na armadilha da satanização montada pelo adversário.

Na verdade, o que parece mesmo é que o PT está esperando mais um pouco para ver se a situação se mantém na direção de uma eleição disputada, ou se estamos diante de um espasmo vão. E, nesse caso, boca fechada realmente é a melhor solução. Afinal, o partido sabe muito bem que quanto mais Lula se expuser, mais pancada vai levar. E, se é para apanhar, pelo menos que se reserve ao partido o direito da escolha do melhor momento para a briga começar.